

## Capítulo VII

### A Geração de 900: o Latino-americanismo conservador

O novo fenômeno do imperialismo norte-americano suscitou na América Latina sentimentos contraditórios, que só com o avanço do tempo se traduziram em respostas definidas e de caráter político. Em um primeiro momento, se destacou uma reação no âmbito cultural, que apontou a influência dos Estados Unidos como um fator que tornava ainda mais perturbadora para as classes dominantes a tensa situação social e política interna iniciada em vários países a partir da crise de 1890. O surgimento das primeiras formas de organização operária e a ascensão das capas médias levou à crise das bases sociais, políticas e culturais em que se assentava o Estado oligárquico. Nesse contexto, a reação de uma nova safra de pensadores latino-americanos batizados como a *Geração de 900* foi a promoção de um movimento continental “espiritual” em defesa dos valores da “hispanidade” e a “identidade nacional” frente aos perigos que a influência da cultura política norte-americana poderia potencializar.

Os eventos que se conjugaram para o surgimento desse debate foram, junto à emergência dos Estados Unidos como potência mundial, a forte onda imigratória de finais do século XIX, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa - com uma maior influência cultural da Europa e a possibilidade de uma maior difusão das idéias -, e o crescimento da burocracia estatal, a partir da expansão econômica iniciada em 1880 e do alargamento das funções do Estado.

A modernidade incipiente (desenvolvimento industrial, urbanização) introduzida pelo imperialismo inglês primeiro, e pelo norte-americano depois, permitiu entrever às

novas classes emergentes a possibilidade de mudanças mais o menos radicais, abrindo um conflito novo desde que foi questionada a legitimidade da oligarquia para representar os interesses da nação. A revalorização da herança da Espanha colonial, no sentido sobretudo antinorte-americano e antidemocrático, levou muitos intelectuais da Geração de 900 a sustentar um suposto modelo “hispânico” de aproximação à modernidade absolutamente irreal.

Esse modelo econômico, social, político e cultural tinha entrado definitivamente em uma crise sem retorno depois da derrota de Espanha em 1898. Como atitude social, cabe ao “hispanismo” o dito por Hegel em sua *Filosofia da História*, onde define o “espírito cavalheiresco” que o caracteriza como a expressão da decadência da aristocracia nos Estados europeus. Como os ‘grandes’ não podiam mais manter as tropas e foram afastados do comando dos exércitos, tiveram que “se contentar em ser pessoas privadas com uma honra vã”.<sup>1</sup>

A difusão da idéia democrática provocava o terror da elite intelectual diante da ameaça do sufrágio universal “sem inteligência”. No início, prevaleceu entre os autores de 900 uma tendência conservadora, representada na obra do autor mais representativo, o uruguaio José Enrique Rodó, sob a forma do medo à perda da “parte nobre e alada do espírito”. As elites dos países latino-americanos, de prevalente economia agrária, se encontraram com os problemas da democracia diante da ameaça do socialismo e o anarquismo antes mesmo que eles tiveram uma base suficientemente ampla nos países. Em

---

<sup>1</sup> Hegel, G.W. F. *Filosofia da História*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995, p. 354.

outras palavras, enfrentavam todos os aspectos da civilização industrial em um momento em que ainda não haviam estabelecido as condições para seu desenvolvimento.<sup>2</sup>

Um forte crescimento demográfico afetara em maior o menor medida todos os países do continente no final do século XIX, em especial no Cone Sul, que teve como consequência uma forte concentração da população em algumas zonas dos países receptores e um extraordinário desenvolvimento urbano. Na Argentina, por exemplo, a imigração determinou um crescimento populacional de tais dimensões que ameaçou o equilíbrio entre as regiões, provocando um enorme crescimento relativo de Buenos Aires e sua zona de influência. No Uruguai de Rodó, o crescimento urbano é tão forte que metade da população vivia nos centros urbanos e um terço do total em Montevideú.

A demanda de trabalho industrial na América Latina não tinha condições de absorver mais do que uma porcentagem mínima da massa da mão-de-obra que se concentrava nas cidades. Isso determinou uma primeira erosão das relações paternalistas e clientelísticas que eram a base e garantiram a hegemonia da oligarquia desde a independência. A imigração e a urbanização resultaram numa forte redução do papel hegemônico da oligarquia rural tradicional e um deslocamento do centro de decisão do campo para a cidade, junto ao surgimento de novos atores sociais, como a pequena-burguesia urbana, o movimento operário e uma classe de novos pequenos produtores agrícolas nascidos da propagação da pequena propriedade.

O surgimento do debate sobre a identidade nacional na virada do século foi acompanhado por uma revitalização defensiva da noção de um espaço comum latino-americano. Na percepção de Rodó e seus seguidores, o século XX abria com um cenário

---

<sup>2</sup> Iannettone, Giovanni. *Nosotros los americanos. Il dibattito sull'identità nazionale in America Latina (1898-1929)*. Roma: Información Filosófica, 2004.

continental marcado pela crise do modelo herdado e a necessidade de propor uma resposta unitária. A interrogação sobre a identidade latino-americana expressou inicialmente a intenção de reforçar a hegemonia das elites urbanas frente às tradicionais elites rurais e, ao mesmo tempo, manter o controle sob a ampliação da base social da democracia, limitando o acesso dos novos estratos emergentes. Elevado a mestre da nova geração, Rodó questionou uma série de tópicos que caracterizaram o pensamento mais difundido no final do século XIX na América Latina: utilitarismo, imigração, modelo saxão, imitação dos países ricos.

A procura de uma superação das limitações da tradição oligárquica precedente o levou a diferenciar-se dos “partidos conservadores (que) aderiram à tradição e à herança espanhola, levando-as não como cimento nem ponto de partida, mas como fim e morada”.<sup>3</sup> Isso significava tentar a criação de uma nova legitimidade no momento em que a universalidade do *criollismo* estava sendo minada. A difusão das correntes socialistas nos países latino-americanos mais desenvolvidos (Argentina, Brasil, Chile, México) não fazia mais do que confirmar essa intuição e cobrir de pesadelos os sonhos dos burgueses.

Junto à crítica do positivismo ateu e materialista, o idealismo e o irracionalismo do começo do século teve por outra parte o sentido de uma reação das elites intelectuais urbanas à apropriação por parte do socialismo da ideologia do progresso e do desenvolvimento econômico.

Se a finais dos anos 80 progresso e civilização iam de mãos dadas na direção da afirmação histórica da ‘classe média’, agora o progresso se apresentava como um risco que as elites *criollas* não podiam se dar ao luxo de correr. Toda a construção ideológica dos intelectuais de 900, assim como os da Terceira República Francesa depois da Comuna de Paris, se transformou na necessidade de reelaborar seja os conceitos de progresso e civilização, seja o vínculo que existia entre ambos. Teve que fazê-lo diante da presença de novos atores sociais que estavam se

---

<sup>3</sup> Rodriguez Monegal, Emir, Prólogo a “Ariel”, em Rodó, José E. *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1957, p. 102.

apropriando da herança da revolução que tinha marcado o início da modernidade política, para evitar se tornar um vestígio da história.<sup>4</sup>

Sobretudo nos países nos quais o processo de urbanização era mais avançado, o sistema político passava por profundas transformações. Como vimos, uma revolução frustrada de caráter antiimperialista havia reunido na Argentina de 1890 uma frente heterogênea que reivindicou o sufrágio universal. A oligarquia urbana mais diretamente ligada ao capital financeiro inglês conseguiu forçar uma solução de compromisso e restabelecer seu domínio político, mas a reivindicação do sufrágio universal passou a ocupar o centro do debate, com repercussões em todos os países da região.

No Chile, o desenlace da guerra civil que acabou em 1891 com o governo de Balmaceda deixou o fantasma de um levante operário, contido mediante um regime violentamente repressivo. O México chegava ao novo século na terceira década do Porfiriato, com um forte processo de urbanização da sociedade e crescentes tensões no campo controlados com mão de ferro. No próprio Uruguai de Rodó, que alcançava o mais elevado nível de vida dentre todas as semicolônias inglesas da região, duas rebeliões protagonizadas pela população rural depauperada sacudiram o país em 1897 e 1902.

Como reação a essa crise generalizada, as classes dominantes abraçaram o gradualismo evolutivo, o reforço do papel central das elites na educação das massas, a renovação da tradição, e do conceito fundador da hegemonia burguesa: o progresso se transformara em uma ameaça para a civilização. A menos que o progresso estivesse acompanhado de ordem, como no lema positivista tanto do regime mexicano de Porfírio Díaz como do Brasil já desde o período imperial: “Ordem e Progresso”.

---

<sup>4</sup> IANNETONE, Giovanni. *Op. cit.*, p. 36.

A bíblia da primeira camada de jovens intelectuais de 900, o *Ariel* de Rodó, concebido em 1898 no contexto da intervenção dos Estados Unidos em Cuba e publicado em 1900, rejeitando os valores pragmáticos e materialistas anglo-saxões, contrapunha a eles um programa destinado “à juventude da América”, que devia desenvolver seus valores espirituais e “o gênio de sua raça”. Para isso apresentava como símbolo a oposição entre os personagens shakespereanos de *The Tempest*, Ariel, representante do “espírito alado” e o gozo estético, e Calibán, que simbolizava o utilitarismo moderno e em especial o estadunidense.

A repercussão do texto em toda a América hispânica foi enorme, criando-se até mesmo o substantivo "arielismo". O livro, escrito por Rodó com apenas 28 anos de idade, trouxe fama imediata ao seu autor e foi reeditado de forma ininterrupta nos anos seguintes.<sup>5</sup> Escritores como o peruano Francisco Garcia Calderón, o boliviano Alcides Arguedas, o dominicano Pedro Henríquez Ureña, o colombiano Carlos Arturo Torres, e o paraguaio Juan Vicente Ramírez, entre outros, manifestaram sua conversão à nova fé.

Do ponto de vista das idéias, a principal inspiração do uruguaio foi a polêmica entre os franceses Ernst Renan, com seu *Calibán, suite de La Tempête*, a quem cita em vários passagens do livro, e Alfred Fouillée, autor de *L'idée moderne du droit en Allemagne, en Angleterre et en France*. Tomando os personagens de Shakespeare como símbolos da sociedade moderna, Renan considerava que Ariel, portador dos poderes da magia, estava se afastando do mundo dos homens, deixando que o sábio Próspero se defenda sozinho das massas, que seriam educadas e dirigidas pelo prosaico Calibán.

---

<sup>5</sup> Quando em 1908 foi editada e edição espanhola de Sampere, a de maior distribuição continental, já haviam sido publicadas nove edições em distintas capitais americanas, às que logo se somariam vinte edições argentinas.

Rodó se identifica com as posições de Fouillée, quem questiona Renan por sugerir que Próspero se alie ao triunfador Calibán, e demanda a ressurreição de Ariel. Para isso, Fouillée delinea duas grandes atitudes sobre o indivíduo e a massa, as por ele definidas como “escolas de pensamento aristocrático e democrático”, um esquema analítico adotado por Rodó e utilizado abundantemente em *Ariel*. Lembremos que a tese de que a causa da decadência da civilização seria a difusão das idéias igualitárias e democráticas ganhara força na França a partir de 1870, depois da crise de Sedan e da Comuna de Paris.<sup>6</sup>

Segundo o crítico Emir Rodrigues Monegal, Ariel pode ser visto como uma continuação das idéias desenvolvidas pelo franco-argentino Paul Groussac, num discurso pronunciado em Buenos Aires em maio de 1898, quando igualou os Estados Unidos a Calibán.<sup>7</sup> Em uma nota comentando o discurso, Rodó escreveu:

Estados Unidos para Groussac. Seu traço saliente e característico é a ausência de todo ideal. Quer substituir a razão pela força, a qualidade com a quantidade, o sentimento do belo e o bom com o luxo plebeu (há que caricaturar isso). Crê que a Democracia consiste na igualdade de todos pela comum vulgaridade. Frágil e depreciável organização sociológica sem fundas (raízes) no passado nem princípios diretores no presente.<sup>8</sup>

A denúncia do utilitarismo da sociedade norte-americana, e contemporânea em geral, era mais um pretexto para Rodó que uma denúncia explícita da política expansionista dos Estados Unidos, a qual apenas é aludida de passagem em *Ariel*. O objetivo de Rodó no ensaio dedicado “À juventude da América” era advertir aos seus contemporâneos sobre os “perigos” implícitos na democracia, sob a qual pesava a acusação de “conduzir a

---

<sup>6</sup> Junto com Hipólito Taine, Renan foi o intelectual que exerceu maior influência na formação do grupo de escritores da Geração de 900 e em especial de arielistas como os peruanos Francisco García Calderón e José de la Riva-Agüero.

<sup>7</sup> Paul Groussac (1848-1929) foi um escritor, historiador e crítico literário nascido na França e radicado na Argentina desde 1869, onde editou a revista literária *Sudamérica* e dirigiu a Biblioteca Nacional. Sua reputação póstuma se apóia nas freqüentes menções dele que aparecem na obra de Jorge Luis Borges, quem escreveu seu obituário.

<sup>8</sup> Citado em RODRIGUEZ MONEGAL, Emir. *Op. Cit.*

humanidade, vulgarizando-a, a um Sacro Império do Utilitarismo”. Para Rodó, “a democracia fará extinguir gradualmente toda idéia de superioridade que não se traduza em uma maior e mais ousada atitude pelos conflitos de interesse, que são então as formas mais desleais das brutalidades da força”.<sup>9</sup>

Não por acaso o *Ariel* foi escrito em uma sociedade como a uruguaia, onde a população urbana alcançava no início do século condições privilegiadas em comparação a outros países. A renda agrária era comercializada por Montevideu e com seu produto começava a ser levantada uma grande burocracia de Estado. Battle Ordoñez, à frente do Partido Colorado, do qual Rodó era afiliado, organizou o Estado exportador e distribuiu a renda agrária entre a pequena-burguesia da cidade. Toda a situação demográfica, geográfica, econômica e cultural do Uruguai o orientava para a Europa, seu principal mercado comprador.

A publicação de *Ariel* coincide com o início de uma era de bem-estar geral que durará seis décadas. O Uruguai urbano começa a ser um país de poupadores, pequenos proprietários, funcionários públicos bem remunerados e artesãos independentes. Os pequenos proprietários são “a base social granítica dos arielistas”.<sup>10</sup> O livro de Rodó vincula-se também à cultura política do reformismo battlista, no sentido de estar dominado por um espírito de antecipação respeito às imposições da sociedade, exercendo uma tutela sob o processo histórico para evitar os conflitos e a crise.

Desde a miragem de uma sociedade em que as tensões sociais são amortecidas pela proteção estatal, Rodó pretende guiar a juventude latino-americana apresentando a ela a

---

<sup>9</sup> RODO, José Enrique. *Ariel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967, p. 54.

<sup>10</sup> RAMOS, Jorge Abelardo. *Historia de la nación latinoamericana*. Buenos Aires: Peña Lillo Editor, 1964, p.

utopia de uma oligarquia do espírito, incentivando um afastamento aristocratizante com relação aos problemas reais e ao contato com as classes subalternas.

O apressurado crescimento de nossas democracias pela incessante agressão de uma enorme multidão cosmopolita; pela afluência imigratória, que se incorpora a um núcleo ainda débil para verificar um ativo trabalho de assimilação e canalizar a torrente humana com os meios que oferecem a solidez secular da estrutura social, a ordem política segura e os elementos de uma cultura que tenha se enraizado intimamente, - nos expõe no futuro aos perigos da degeneração democrática, que afoga sob a força cega do número toda noção de qualidade; que desvanece na consciência das sociedades todo justo sentimento da ordem; que, livrando seu ordenamento hierárquico à torpeza do acaso, conduz forçosamente a à vitória das as mais injustificadas e desleais das supremacias.<sup>11</sup>

A oligarquia latino-americana, depois de abandonar o projeto nacional exclusivamente *criollo* com a promoção da imigração européia, enfrentava a modernidade capitalista sustentando a tese de que a democracia e o desenvolvimento foram possíveis nas regiões do mundo onde primeiro foi levado a término o processo de “civilização das massas”. Portanto, devia ser combatido todo elemento que pudesse “antecipar” a extensão da democracia antes de alcançar a “civildade”.

A elaboração ideológica dos intelectuais de 900 representa a construção de um novo paradigma cultural que, partindo das capitais, procura guiar o processo de unificação nacional de forma a evitar os conflitos sociais de ruptura. As elites urbanas criaram uma mitologia para denunciar o suposto atraso no processo de construção nacional e apresentaram um programa de reformas que, se resultava de um processo de modernização, expressava uma intenção conservadora. “Trata-se da formulação de um modelo identitário de reivindicação, defesa e inclusive exaltação da maneira própria de ser, a latina, por

---

<sup>11</sup> RODO, José E., *Op. cit.*, p. 55.

valores, idiossincrasia, cultura e etnia, diversa da defendida pela geração finissecular que se definia pela ‘nordomanía’, identificação com um modelo estranho”.<sup>12</sup>

A ênfase na genealogia do Estado colocava não poucos problemas à construção de um nacionalismo latino-americano, incluída a contraditória “herança” espanhola e indígena. Além do uso e abuso dessa suposta herança, se propagou na literatura da época a identificação entre nação e Estado, que encontra expressão num outro mito, ligado de maneira estreita ao do “despertar das nações”: o das velhas nações e dos povos jovens. “Falta, talvez, em nosso caráter coletivo, o contorno seguro da ‘personalidade’. Mas na ausência dessa índole perfeitamente diferenciada e autonômica temos – os americanos latinos - uma herança da raça, uma grande tradição étnica que manter, um vínculo sagrado que nos une à páginas imortais da história”, diz Rodó no *Ariel*.<sup>13</sup>

Em conclusão, a idealização do passado indígena ou hispânico, e da natureza latina ou índia da população do continente para a criação de um caráter nacional por parte da elite intelectual de 900, emerge como uma resposta ideológica diante do processo de modernização. O ato fundador da modernidade política e da nação não estará mais referenciado na Revolução Francesa e na luta pela independência, mas vinculado a um hipotético ato fundador mais longínquo no tempo, e quanto mais longínquo mais legitimador. Em *Ariel*, isso significava inclusive se remitir às alturas ideais da civilização greco-romana.

Rodó não se limitou a rastrear na antiguidade clássica as supostas raízes do latinismo, mas afirmava que ela se completava com a tradição oferecida pelo cristianismo primitivo, que se distanciava dos ascetas e puritanos que rejeitam a beleza e a seleção

---

<sup>12</sup> DEVES VALDÉS, Eduardo. *De Rodó à Cepal. El pensamiento latinoamericano del siglo XX*. Tomo I. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 29.

<sup>13</sup> RODÓ, José E. *Op. cit.*, p. 72.

intelectual. A vertente católica se opõe ao jacobinismo, que ele identifica não só com as correntes socialistas radicais, mas também com a defesa do laicismo de parte do governo Battle. O presidente uruguaio, como complemento do seu legalismo institucional extremo, procedeu a laicizar o Estado e determinou a retirada dos crucifixos das salas dos hospitais estatais. Rodó reagiu violentamente, travando uma disputa com o dirigente anti-católico Pedro Díaz, que registrou em seu livro *Liberalismo y Jacobinismo*, de 1907.

A Geração de 900 impôs o mito da “anarquia” e o jacobinismo do século XIX como as causas para que os países latino-americanos não alcançaram a homogeneidade que só agora começa a se sentir necessária. Nesse sentido, os jovens intelectuais não estavam sós, empalmando com uma tendência que vinha de anos atrás. Basta mencionar, por exemplo, os famosos “cientistas mexicanos” de Porfírio Díaz, que inventaram um nacionalismo funcional à própria hegemonia política e social oligárquica contra a “anarquia” do “jacobinismo” (referido às massas mobilizadas por Juárez para expulsar a intervenção francesa) primeiro e dos socialistas e anarquistas depois.

O positivismo, com a sua identificação entre natureza e história, havia introduzido um conceito de gradualismo segundo o qual a sociedade era o resultado da história e o indivíduo não poderia fazer nada para modificar seu curso. O jacobinismo se tornava sinônimo de metafísico, de irrealista, e, portanto, a tarefa mais o menos declarada dos intelectuais era a de diferenciar a tradição revolucionária de independência dos “excessos” jacobinos, e condenar estes com o objetivo de evitar que pudessem se tornar paradigmas de novas reivindicações sociais e políticas.

O problema levantado pelo surgimento do expansionismo norte-americano mascarado por trás da difusão dos ideais democráticos despertava a apreensão de Rodó em sua potencial capacidade de resultar em

(...) uma América deslatinizada por espontânea vontade, sem a extorsão da conquista, e regenerada a imagem e semelhança do arquétipo do Norte, (que) flutua já sob os sonhos de muitos sinceros interessados por nosso futuro, inspira a fruição com que eles formulam a cada passo os mais sugestivos paralelos, e se manifesta por constantes propósitos de inovação e de reforma.<sup>14</sup>

Os discípulos imediatos de Rodó em outros países latino-americanos tiveram que adaptar sua concepção elitista às condições particulares da realidade social de seus países. Quem teve um contato mais intenso com ele foi o peruano Francisco Garcia Calderón, um jovem filho da aristocracia limenha que entrara na vida política precocemente, no início da chamada República Aristocrática (1895-1919). Seu pai, um jurista do mesmo nome, ocupara a presidência do país nos últimos tempos da Guerra do Pacífico. Impressionado pelo “sermão laico” do uruguaio, Garcia Calderón elaborou uma análise “arielista” da realidade peruana e latino-americana, se limitando igualmente à constatação de uma diversa disposição espiritual entre as duas Américas, que como Rodó fazia derivar das diferentes origens dos seus povos.

Junto com outros peruanos que se reconheciam nas propostas do uruguaio, como José de la Riva Agüero, Garcia Calderón também estava reagindo ao surgimento de propostas radicais de mudança que reivindicavam mudanças sociais mais profundas. Comovido pelo desastre peruano na guerra contra o Chile, o escritor anarquista Manuel González Prada havia denunciado a oligarquia por excluir o índio da vida nacional, explicando a derrota na guerra por sua situação servil, ou seja, pela debilidade de um Peru dividido em uma minoria branca dominante e uma ampla maioria indígena dominada e desprezada. Porém, ele rejeitou as propostas hispanizantes ao estilo de Rodó que pretendiam reencontrar a unidade regredindo para o passado colonial. “Deixemos as

---

<sup>14</sup> *Idem*, p. 69.

andadeiras da infância e procuremos em outras literaturas novos elementos e novos impulsos. Ao espírito de nações ultramontanas e monárquicas preferimos o espírito livre e democrático do século”.<sup>15</sup>

Riva Agüero declarou que os projetos políticos de González Prada eram desastrosos, e o qualificou de intolerante, enquanto Garcia Calderón o criticou pelo seu anticlericalismo e por invocar a revolução e não as reformas paulatinas.<sup>16</sup> Os pensadores da Geração de 900 consideravam a herança hispânica muito mais importante do que a indígena, chegando inclusive a negar que a etapa pré-incaica formasse parte da história do Peru (tratava-se só de tribos, pensavam). A população indígena não tinha outro papel no presente a não ser adaptar-se, modernizar-se e integrar-se a um projeto que devia ser dirigido por uma oligarquia ilustrada.

Em 1907, descrevendo a situação no Peru, mas estendendo o horizonte de suas reflexões a toda a América hispânica, Garcia Calderón afirmava que

Existem agora muitos problemas de organização, de conflitos étnicos e de território que a Europa têm resolvido e que são apenas esboçados na América espanhola. Temos adquirido somente uma condição negativa, um equilíbrio na paz. O novo século deve ser uma época de fertilidade, de coordenação, de florescimento, depois do momento difícil de lutas intestinas.<sup>17</sup>

García Calderón reclamava uma mudança urgente no Peru, que devia ser conduzida pela oligarquia implantando "ordem, ciência, estabilidade e uma reforma lenta". Criticou a maneira pela qual o país havia sido conduzido por uma burguesia ausente e pelo

---

<sup>15</sup> González Prada citado em MARIÁTEGUI, José Carlos. *Seis ensayos sobre la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1972, p. 257.

<sup>16</sup> Riva Agüero levará a atitude hispanizante ao extremo, iniciando gestões e obtendo na Espanha a revalidação dos pergaminhos que o acreditavam como membro da nobreza colonial.

<sup>17</sup> GARCÍA CALDERÓN, Francisco. *En torno a Perú y América*. Lima: Mejía Baca & Villanueva Editores, 1954, p. 80.

militarismo que não souberam impulsionar o individualismo, difundir o castelhano, e converter o índio em soldado ou proletário.

Para os jovens peruanos da Geração de 900, a grande tarefa postergada era civilizar os indígenas. Mariátegui os acusou de colonizados:

Os elementos da nacionalidade em elaboração não têm podido ainda se fundir ou se soldar. O denso estrato indígena se mantém quase totalmente estranho ao processo de formação dessa peruanidade que costumam exaltar e inflar nossos sediciosos nacionalistas, predicadores de um nacionalismo sem raízes no solo peruano, aprendido nos evangelhos imperialistas da Europa, e que, como já tenho remarcado, é o sentimento mais estrangeiro e postiço que existe no Peru.<sup>18</sup>

Incitado pelo racismo do francês Gustave LeBon, García Calderón declarava que entre as “índoles neutras” dos mestiços, índios e negros retardam os esforços de modernização, mas confia em que as ondas migratórias, especialmente de alemães e italianos setentrionais, acabará impondo sua cultura superior. O diplomata brasileiro Oliveira Lima, em suas palestras nos Estados Unidos para explicar as diferenças do desenvolvimento histórico nas Américas recorria ao *Le Perou Contemporain* de Garcia Calderón, afirmando que a anarquia, as constituições políticas enxertadas e os instintos seculares do povo explicavam a situação "desastrosa" do Peru, e a explicação podia ser estendida a toda América Hispânica.<sup>19</sup>

Em *Las democracias en América Latina*, escrito em francês e publicado em Paris em 1912, que se apresentava como uma resposta tardia do *A democracia na América* de Tocqueville, Garcia Calderón opunha também os diferentes padrões culturais recebidos nas duas Américas. A tradição ibero-latina tem deixado uma herança moral nos americanos do Sul, que “(...) não são exclusivamente espanhóis ou portugueses. Ao legado recebido da

---

<sup>18</sup> MARIATEGUI, José Carlos. “¿Existe un pensamiento hispano-americano?” (1926), em *Pluma y Pincel*, N° 166, 1993.

<sup>19</sup> PRADO, Maria Lígia C. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História, São Paulo, v. 145, 2001.

Espanha tem se unido obstinadas influências originárias da França e da Itália. Do México ao Prata, as leis romanas, o catolicismo, as idéias francesas, por uma ação vasta e secular, têm dado aspectos uniformes à consciência americana”.<sup>20</sup>

O desenvolvimento da crise mundial levará o peruano a uma mudança completa de sua visão juvenil. Com a barbárie da guerra européia primeiro, e a revolução bolchevique depois, acabou o ciclo arielista, fato simbolizado pelo fechamento em 1917 da *Revista de América* publicada em Paris por García Calderón, por coincidência ano também da morte de Rodó. O peruano mudou sua visão dos Estados Unidos em 180 graus, como ficou expresso em seu livro *El panamericanismo*, de 1916, a partir do qual passa a ser um irredutível defensor da proposta de unidade hemisférica comandada pelo imperialismo.

O único escritor latino-americano de uma reputação tão ampla quanto Rodó que defendeu uma combinação semelhante de sentimento anti-estadunidense e hispanismo foi o poeta nicaraguense Ruben Darío, pai do *modernismo* poético em língua espanhola. Se bem o conteúdo político em sua obra é marginal, nos poemas “A Roosevelt” e “Saudação ao águia” atacou os ateus e insensíveis Estados Unidos, lhes contrapondo a América “católica y espanhola”.

(...) a América católica, a América espanhola,  
a América em que disse o nobre Guatemoc:  
“Eu não estou num leito de rosas”; essa América  
que treme de furacões e que vive de Amor;  
homens de olhos saxões e alma bárbara, vive.  
E sonha. E ama. E vibra; e é a filha do Sol.  
Tenha cuidado. ¡Vive a América Espanhola!  
Há mil cachorros soltos do Leão Espanhol.

---

<sup>20</sup> GARCÍA CALDERÓN, Francisco. *Las democracias latinas da América*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2001, p. 288.

Se precisaria, Roosevelt, ser, por Deus Mesmo,  
O Rifleiro terrível e o forte Caçador,  
Para poder nos ter em vossas ferrenhas garras.

E, pois contam com tudo, falta uma coisa: ¡Deus!<sup>21</sup>

Viajante por diversos países da América, incluindo os Estados Unidos, Darío seduziu o mais seletto da elite ilustrada hispano-americana. Como Martí, ele foi correspondente do jornal argentino *La Nación*, e viveu alguns anos em Buenos Aires no final da década de 1890, partindo para a Europa enquanto se desenrolava a Guerra Hispano-americana. Darío chegou a reivindicar a vitória da Espanha no conflito. Ele acabou sendo nomeado embaixador da Nicarágua em Madri, onde escreveu “A Roosevelt”, e morreu em 1908 depois de ter levado uma vida dissipada.

Que um poeta de fé tão oscilante e insegura como Darío, que um ensaísta admirador de Renan e empapado de cultura francesa como Rodó, convidem a uma peregrinação às fontes hispano-cristãs da América Latina era significativo de uma tendência. Não era, porém, a reação contra um imperialismo mais agressivo que o inglês a única - nem acaso a principal - causa dessa tendência nova; suas raízes devem ser buscadas sobretudo no aumento das tensões internas, devido ao qual as elites que, na metade do século XIX tinham começado a ver-se como inovadoras, sentiam perplexidades crescentes diante das conseqüências de essas inovações.<sup>22</sup>

O arielismo procurou pautar o conteúdo do continentalismo através de uma operação basicamente retórica<sup>23</sup> que reinterpretava a herança cultural na hora em que a nova etapa histórica tendia a aproximar os países latino-americanos tanto em termos objetivos, pelas determinações e problemas que se apresentavam, como na perspectiva de uma causa comum para superá-los. Se os intelectuais liberais do século XIX procuraram

---

<sup>21</sup> “A Roosevelt”, em DARÍO, Rubén. *Poesía*. Madrid: Alianza Editorial, 1977. (Trad. Nossa)

<sup>22</sup> HALPERIN, Donghi. *Historia Contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza, 1980, p. 303.

<sup>23</sup> Pedro Henríquez Ureña considerava que “Rodó foi o primeiro, quicá, que entre nós influi só com a palavra escrita”.

modelos de unidade olhando para o Norte, os arielistas tornaram sua atenção para Europa, deixando de lado a memória das atrocidades do colonialismo ibérico. O segundo passo foi olhar para o interior da América Latina, e desenvolver uma identidade continental supostamente mais “autêntica”, que anulasse a influência das classes “perigosas”. A partir dali, se expande um novo tipo de continentalismo latino-americano autóctone, que, à medida que for avançando o novo século, verá desenvolver no seu interior, ao calor das diferenciações sociais, diferenciações políticas.

Em *Balance y liquidación del 900* (1941), o peruano Luis Alberto Sánchez deplorou a influência de Rodó, a quem negou o direito de dirigir-se à América Latina como um todo, na medida de que não foi capaz de entender sua realidade econômica e social. Como produto de um pequeno país, livre de índios e europeizado, localizado bem ao sul do continente, Rodó foi acusado de indiferença tanto em relação aos problemas sociais da América do Sul quanto aos violentos conflitos do Caribe agredido pelos Estados Unidos.

Toda a auto-satisfação das oligarquias ilustradas da América Latina, sua concepção *pro domo sua* de um progresso quimérico, sua latinidade, seu humanismo lacrimajante, seu desdém aristocrático das baixas necessidades materiais, sua adoração da forma, todo esse detrito ético do estancamento continental, Rodó o poliu, o embalou e o serviu à jovem classe média da América hispânica regado com a gelatina sacarinada de cuja fabricação tinha se tornado mestre.<sup>24</sup>

Se o legado de Rodó foi rejeitado pelas correntes antiimperialistas que o sucederam, ele serviria de base para um latino-americanismo pequeno-burguês, místico e católico que sobrevive até nossos dias. O ponto máximo dessa atitude seria o trabalho de José Vasconcelos, chefe intelectual da ala nacionalista burguesa da revolução mexicana, que em *La raza cósmica* (1925) predisse a vitória final da raça latina sob a germânica do Norte, e

---

<sup>24</sup> RAMOS, Jorge A. *Op. cit.*, p. 374.

interpretou a luta da América Latina contra os Estados Unidos como a continuação das guerras de Reforma entre a Espanha católica e o Norte protestante. Essa concepção foi institucionalizada na absurda comemoração do 12 de outubro como “Dia da Raça”, celebrado nessa forma até finais do século XX na Espanha e a América hispânica.

Contudo, os arroubos nacionalistas do latino-americanismo conservador não suportariam a prova da história. Algumas décadas depois, a trajetória seguida cedo por Garcia Calderón, abraçando a aliança com os Estados Unidos como uma tábua de salvação frente ao crescimento das lutas sociais será imitada por muitos outros.

Ao avanço cultural norte-americano irá se opor não só uma resistência revolucionária, mas também uma conservadora, defensora de fato dos laços estabelecidos com outras potências hegemônicas ao longo do século XIX e, em quanto a idéias e cultura, viciada ao antes menosprezado legado colonial; só as brutais opções que a Guerra Fria impõe logo depois da Segunda Guerra Mundial transformarão essa oposição conservadora em apoio fervoroso.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> HALPERÍN DONGHI, Túlio. *Op. Cit.*, p. 303.